

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DO PERCURSO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA A PARTIR DA ESCRITA EM UM BLOG

Fernanda Malinosky C. da Rosa
Mestranda em Educação Matemática – UNESP/ Rio Claro
malinosky20@hotmail.com

Ivete Maria Baraldi
Professora do Dep. de Matemática – UNESP/ Bauru
ivete.baraldi@fc.unesp.br

Resumo:

Neste trabalho, procura-se mostrar possíveis compreensões a partir de dois memoriais de formação de professores de matemática quanto à preparação dos mesmos para trabalhar com a educação matemática inclusiva nas escolas regulares. Os memoriais em questão fazem parte de uma pesquisa em que licenciados e licenciandos em matemática, que atuam em sala de aula, foram convidados a escrever suas narrativas (auto)biográficas em um blog criado para este fim. Após escreverem seus memoriais, cada um dos participantes revisou e legitimou com uma carta de cessão. A partir dessas narrativas, é possível refletir não só sobre a formação visando à educação inclusiva, às experiências, às práticas, entre outras, como também sobre o uso de memoriais como fonte histórica.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas; Educação Matemática; Educação Inclusiva.

1. Introdução

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1987, p. 205)

Em seu processo de formação (inicial ou continuada), o professor, em nosso caso o de matemática, deve ter oportunidade de refletir e reformular suas concepções educacionais. As narrativas (auto)biográficas, denominadas aqui de memoriais de formação, são meios facilitadores para essa ação de reflexão e reformulação. A riqueza de informações presentes nos memoriais de formação e as possibilidades de interpretações que eles promovem levam a compreender os diferentes aspectos da formação docente e

encadear acontecimentos relacionados à experiência profissional e, até mesmo, à vida onde o autor é ao mesmo tempo escritor/ narrador/ personagem da história. Para Prado e Soligo (2007), memorial é:

um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional. (p. 46).

Parafraseando estes autores, um memorial de formação é acima de tudo uma forma de narrar a história do próprio indivíduo por escrito para preservá-la do esquecimento, lugar de contar uma história nunca contada até então, a da experiência individual vivida. (Ibidem).

Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação, os memoriais, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores seja em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias dos mesmos. (SOUZA, 2006).

Larrosa (2006) defende a produção de narrativas ou relatos de formação para ser utilizada na formação inicial ou continuada: "Produzimos as histórias que depois tratamos com diferentes ferramentas metodológicas e para distintas finalidades. Contribuímos na elaboração das histórias que depois vamos colocar em cena nos diferentes contextos teóricos e práticos." (p. 185).

Cabe ressaltar que não entendemos o processo de formação do professor como um processo acabado, finalizado junto com a graduação ou cursos de capacitação, mas sim como um ciclo de aprendizagens cotidianas.

A proposta da escrita de si no memorial de formação não foi uma tarefa fácil, pois envolve um estímulo e, muitas vezes, os professores colaboradores não desejam rememorar alguns acontecimentos passados. Entendemos que lembrar “este passado” não é – ou talvez não seja –, somente, a lembrança do tempo que passou ou uma consciência do tempo perdido. Alguns acontecimentos importantes, talvez, tenham sido esquecidos pelos colaboradores, intencionalmente ou não. Referente ao processo de escrita dos memoriais, Passeggi (2006) diz que:

A escrita do memorial é simbolizada, inicialmente, como ‘luta’, em seguida, como ‘ato de conceber’ e, finalmente, como ‘viagem’. [...] Simbolicamente, a escrita do memorial seria experienciada através de duas visões paralelas: a de luta e a de luto. Uma luta que se trava contra as dificuldades da escrita e os

demônios interiores. Um luto pela morte de si mesmo, com um outro, para renascer sob uma nova forma. (p. 210-211).

Um outro problema no que se refere a recordar é que nos dias atuais, com o uso da internet e dos novos meios de comunicação, a memória atual se tornou mais efêmera, está cada vez mais difícil para lembrar tanto coisas profundas como coisas simples (SCHITTINE, 2004). Com isso e dada, também, a natureza seletiva da memória, os memoriais são ressignificados no ato da narração:

assim como a ideologia, a memória é um fenômeno sempre atual, onde o passado, mais que reconstituído, é reconstruído [...] onde os valores ilusórios e míticos de um tempo morto poderia renascer de uma forma coerente e verossímil através da obra de um escritor. (SANTOS, 1986 apud FÁVERO e BRITTO, 2003, p.113-114).

Relacionado à memória está o tempo e como o significamos, conforme os pesquisadores Fernandes e Garnica (2012), além do tempo incorruptível, quantificado pelo relógio, denominado tempo *Chronos*, e um tempo cumulativo, que se convencionou chamar “tempo da História”, há um tempo caótico, exigente e subversivo, o da memória, denominado tempo *Kairos*.

Se a História ordena, encadeia, lineariza, objetiva, continua; a memória filtra, reordena, dá trelas aos desejos humanos, reescreve, fantasia, trata de uma continuidade descontinuada, cravada de abismos e vagos espaços. E ainda assim, concordam os historiadores que a memória é o alimento da História, seu fermento, seu recurso vital. O tempo do Eclesiastes é o tempo contínuo, como o é o tempo *Chronos* que cotidianamente nos pressiona e continuamente pressiona nossas experiências e seus relatos, impondo-lhes, cumulativamente, a causa e o efeito, o antes e o depois, a razão e a decorrência, o pecado ao qual segue a punição. Subversivo e estranho a este cenário, o tempo *Kairos* é aquele da percepção da experiência, da experiencição, o tempo descontínuo, sensual e vertiginoso da memória. (p. 175-176).

Os memoriais foram escritos por professores que estão atuando em sala de aula e são colaboradores em uma pesquisa de mestrado. Esta pesquisa, a ser detalhada a seguir, estimulou a escrita dessas narrativas (auto)biográficas em um ambiente/diário virtual, o blog, que é um espaço que tem como base a escrita, que muitas vezes se assemelha a fala cotidiana, e há a possibilidade de inclusão de recursos semióticos como imagens, músicas e vídeos.

A maioria de nossos docentes colaboradores é de uma geração tecnológica na qual as coisas acontecem em uma velocidade muito rápida, o do fazer mais coisas em menos tempo, onde “o presente rapidamente vira passado”. Essas pessoas são caracterizadas por viverem o que falam, viverem em um regime presentista, que Lipovetsky (2004 apud RUIZ, 2009, p. 94) chama de “reinado da urgência”. Schittine afirma que: “Sofremos [...] de um excesso de velocidade de informações que nos faz sentir incapazes de absorver por

muito tempo os acontecimentos. O tempo se comprime, vira uma sucessão de presentes acelerados que logo se transformam em passado.” (SCHITTINE, 2004, p. 123). Assim, utilizamos, os memoriais de formação visando apreender o meio e as peculiaridades que envolvem as relações de nossos colaboradores com a escola, a universidade, a profissão, a formação, a educação inclusiva, entre outros e o blog vem como um dispositivo de aproximação, como um meio de relacionarmos com as pessoas em sua zona de conforto¹.

A pesquisa de mestrado supracitada contribui para um projeto maior denominado *Mapeamento da formação e atuação de Professores de Matemática no Brasil* desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) que visa efetuar um mapeamento nas diversas regiões brasileiras sobre a formação de professores. Sobre o projeto, Garnica explica que:

Mapear – ou cartografar – a formação e a prática de professores de Matemática, portanto, é um projeto dinâmico que, se permite compreensões, por exemplo, por cotejamentos (sempre parciais) entre instâncias de formação, instituições formadoras, modos de atender ou subverter legislações etc, também permite que o leitor se perca, pois nunca o mapeado estará configurado de forma definitiva de modo a brandamente submeter-se aos cotejamentos que talvez seu leitor quisesse realizar.[...] Nosso mosaico pretende ser composto por infinitas peças e nunca será, portanto, um desenho terminado e completo: é um mosaico caleidoscópico e, porque caleidoscópico, dinâmico. [...] Nossa pretensão é desenhar mapas, compor mosaicos e formar coleções impossíveis mas que, em suas impossibilidades, permitem a criação de contornos – que ora se mantêm, ora se dissolvem, num movimento ora rápido, ora mais arrastado. Nosso registro pode ser – e frequentemente é – a captação disforme da fugacidade do que é múltiplo e diverso e se mostra como múltiplo e diverso, pois o mundo é eterna criação e eterna mutação, e nunca nada está pronto. (GARNICA, 2013, p. 39-40)

Conforme este mesmo pesquisador o pano de fundo dos projetos que sustentam o Mapeamento são as narrativas – que podem ser compostas de modos distintos. Nesse caso, exploramos a confecção de memoriais de formação.

2. Algumas considerações acerca da pesquisa

Os professores de matemática colaboradores da pesquisa foram contactados, pois participaram, como alunos ou tutores, do curso *Braille online – Módulo Básico* oferecido pela Universidade Federal Fluminense (UFF)². O curso foi realizado no primeiro semestre de 2011, na modalidade semipresencial via plataforma Moodle³ onde esteve

¹ No sentido de dar segurança, pois era algo o qual estavam acostumados ou já tinham visto alguma vez.

² Localizada em Niterói/ RJ.

³ A plataforma Moodle (ver moodle.org), é um ambiente virtual de aprendizagem em regime de open source, criado em 2001 por Martinn Dougiamas, no âmbito do seu projeto de investigação de doutoramento. Esta

disponibilizado o material (vídeos, textos, entre outros) para que os participantes pudessem cumprir as tarefas avaliativas de acordo com o cronograma fechado pela coordenação do curso. Cabe ressaltar que os participantes eram, em sua maioria, licenciandos da UFF e professores em exercício que buscavam um meio de aprender a lidar com os alunos cegos que estavam inseridos em suas salas de aula.

Como o objetivo de nossa pesquisa era fazer um entendimento de como estava ocorrendo a formação de professores de matemática para a inclusão de alunos deficientes visuais em classes regulares de acordo com as leis brasileiras (BRASIL, 1996, 2001a e 2001b), convidamos, por e-mail, todos os professores de matemática que participaram do curso de braille. Posteriormente, com os professores que aceitaram colaborar foi agendada uma reunião presencial⁴ na qual entreguei uma carta de apresentação, explicando sobre a pesquisa que seria realizada, o tutorial do blog e uma bibliografia sobre memoriais de formação, a fim de nortear o professor colaborador sobre o tema.

No que se refere à construção dos memoriais, foi criado um blog: www.narrativasdeprofessores.com.br/jcow, nosso diário virtual cuja finalidade não era só de manter o contato e direcionar os docentes colaboradores, mas também de compartilhar lembranças, ideias e dúvidas acerca do que estava sendo produzido. O blog foi utilizado nesta pesquisa por acreditarmos que ele seja um meio mais dinâmico de escrita e interação à distância. É importante lembrar que o blog foi traduzido do inglês para a língua portuguesa e é restrito aos professores participantes, ou seja, não é de acesso público na internet.

Após o encontro, cada professor foi cadastrado no blog com o próprio e-mail de correspondência, que é o *login*⁵, e foi dada uma senha única na qual os mesmos podiam modificar no primeiro acesso, conforme explicado no tutorial. Eles receberam, por e-mail, o primeiro dos cinco temas que eles deveriam abordar na escrita.

Nessa pesquisa, resolvemos estimular os docentes envolvidos com cinco frases disparadoras, na tentativa de que os mesmos abordassem temas sobre o início dos estudos,

plataforma é de fácil manuseio e tem um conjunto de funcionalidades como, por exemplo, disponibilização online de exercícios, vídeos explicativos etc, comunicação em tempo real por meio de chat, videoconferência ou por meio de fóruns onde não há sincronia, os participantes podem ler, refletir e depois responder [nota minha].

⁴ A reunião presencial teve que ser realizada em dois locais diferentes para facilitar o deslocamento dos docentes envolvidos. Um encontro foi realizado no Instituto Benjamin Constant, na Urca/ RJ, e, no dia seguinte, foi realizado outro no Laboratório de Ensino de Geometria na UFF.

⁵ Termo utilizado na internet para referir-se a um tipo de credencial para acessar determinado sistema.

a graduação, a profissão, a capacitação e a inclusão, sem influenciá-los muito na escrita do memorial de formação.

Assim que o professor *postava* seu relato no blog, às vezes, havia a necessidade de fazer perguntas acerca de algo que não ficou muito claro para o leitor, em alguns casos, era uma sigla não explicada, ou pedíamos para desenvolver melhor algum tema. Alguns colaboradores que responderam as perguntas, por preferência, no corpo de sua narrativa (auto)biográfica. No entanto, a maioria respondeu nos comentários (Figura 1), mesmo sabendo que é limitado a 140 caracteres, como é o caso do exemplo a seguir.

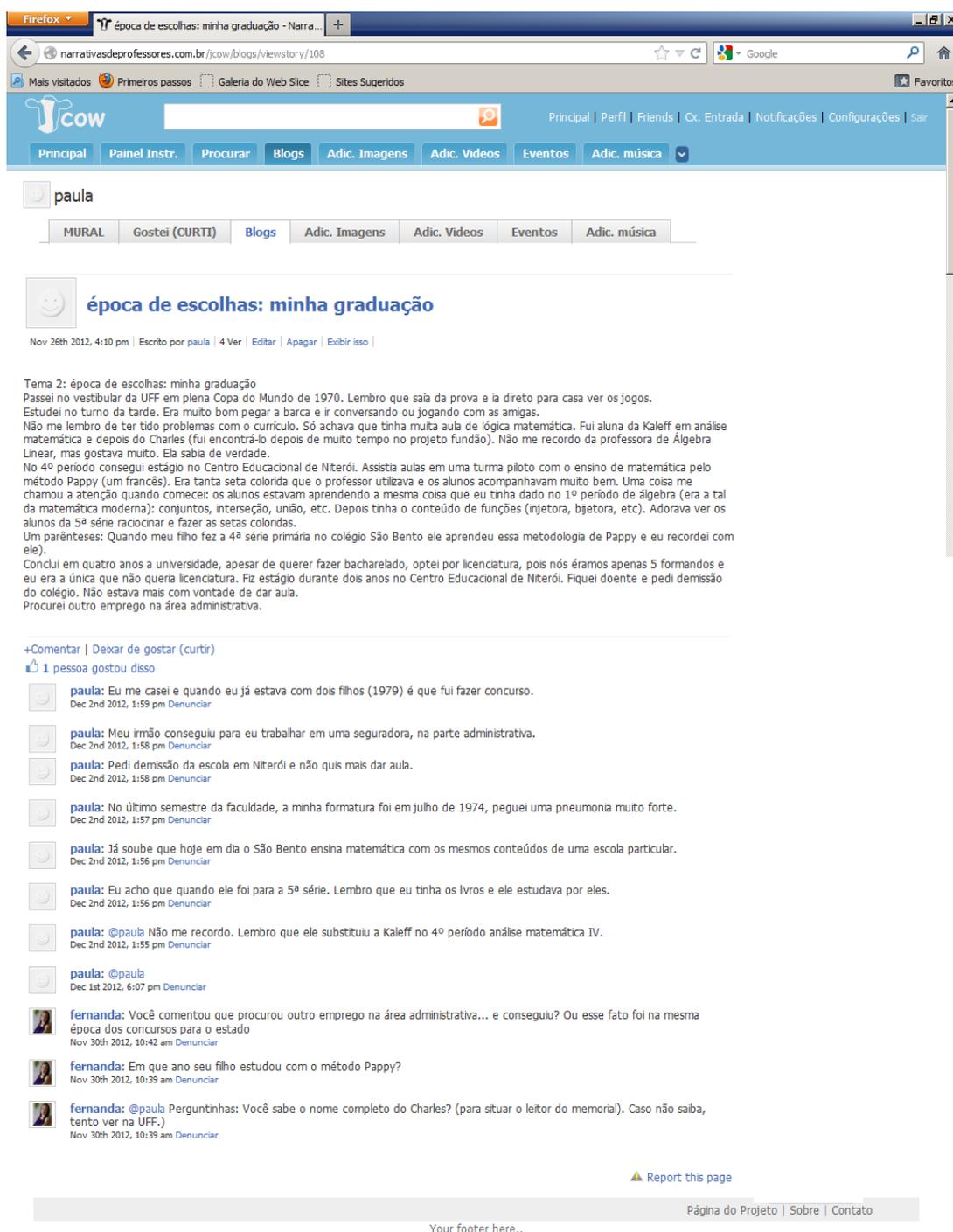


Figura 1 – Imagem de um relato no blog com comentários.

Cabe lembrar que tudo o que foi relatado, bem como as perguntas feitas, estão gravados no blog e pode ser acessado a qualquer momento por pessoas cadastradas, mas os mesmos não podem ser alterados ou apagados.

Ao finalizar a escrita sobre os cinco temas e depois de todas as perguntas respondidas, todos os relatos foram copiados para um arquivo do Word, acrescentadas as respostas no corpo do texto, de forma a deixá-los harmônicos, mas sem alterá-los.

As narrativas, então criadas a partir da junção dos relatos, respostas e notas de rodapé, foram devolvidas para cada participante, por e-mail, para que fizessem suas considerações, acrescentando informações, por exemplo.

Aos docentes colaboradores foi solicitada uma carta de cessão para que os mesmos permitissem tornar as narrativas (auto)biográficas públicas.

3. Nem tudo são flores: as dificuldades encontradas...

Na fase da pesquisa de levantamento bibliográfico e nas reuniões semanais do subgrupo de *Memoriais*⁶, muitos foram textos discutidos referentes às partes teóricas e pesquisas concluídas sobre as escritas (auto)biográficas. No entanto, sentimos a necessidade de textos que apresentassem procedimentos metodológicos adotados durante a elaboração dessas escritas e bem como se deu a análise dos dados.

Uma das dificuldades foi encontrar uma maneira de estimular nossos colaboradores sem influenciá-los muito e ao mesmo tempo tentar buscar esses “bastidores” nos trabalhos científicos: “Como os pesquisadores estimularam seus participantes? Como eram os encontros para essa escrita? Como ocorreu a finalização desses memoriais? Como foi o método de análise?” encontramos muitos trabalhos concluídos e pouquíssimas explicações ou comentários de como chegaram à conclusão.

Outra dificuldade foi estimular, após a reunião e à distância, as pessoas convidadas a escreverem seus memoriais no blog. Todos aceitaram o convite, assumiram um compromisso verbal, mas quando já estavam inscritos no blog, alguns pararam de responder e-mails, outros diziam que estavam com alguns compromissos profissionais e já iam *postar* no blog ou, ainda, “Esqueci do seu e-mail falando do blog”.

Alguns colaboradores disseram, por e-mail, que a falta de tempo para a escrita no blog era um dos motivos para justificar o porquê não estavam participando. Outros não responderam. Será que o problema, não relatado, estava no narrar-se? Na dificuldade em relação à escrita?

Não é fácil se expor, ainda mais para o desconhecido e para um meio acadêmico. Resistimos em expressar nossas emoções, nossas dúvidas, nossos pontos de vista e nossas

⁶ Com o andamento de pesquisas dentro do GHOEM que mobilizam narrativas (auto)biográficas, sentiu-se a necessidade da criação de um subgrupo, denominado *Memoriais*, que proporcionasse um ambiente de discussão e socialização deste tema. Esse subgrupo era formado por mestrandos cujas pesquisas tinham relação com o tema e se reunia semanalmente para fins de estudo.

críticas, não deixamos vir à tona nossas fragilidades. O memorial, embora fosse escrito em um blog e não exigisse um rigor, pode ter inibido o narrar alguns acontecimentos ou ter trazido lembranças vividas que preferimos esquecer. Ramos e Gonçalves (1996 apud PRADO e SOLIGO, 2007, p. 53.) dizem que: “Possivelmente, [o autor do relato] levantará o véu apenas da parte que, de si próprio, pretende que se saiba e que venha a ser lembrada.”

Entendemos que a resistência à produção escrita não está somente na falta de tempo, como informam alguns, mas na dificuldade de expressar-se em um determinado modelo de escrita, de educação e de escola. Em um mundo que tem perdido a capacidade de narrar, em que expressar-se pode parecer ameaçador, uma vez que por deixar marcas indica posições assumidas, a escrita, como manifestação e escolha pela liberdade talvez esteja mesmo impossibilitada aos seres deste tempo, também aos educadores. (FERNANDES e PRADO, 2010, p.4.)

Quanto ao blog, não tivemos dificuldades em manipulá-lo e os participantes, em relato após a pesquisa, disseram que também não tiveram problemas. Fizemos algumas adaptações nele, como a tradução de palavras e termos, para utilizá-lo.

No entanto, a etapa de coleta dos memoriais foi muito complicada, os colaboradores demoravam muito tempo para escrever, há uma distância muito grande entre as datas dos *posts*. Em alguns momentos, tivemos que apelar para e-mails mais chamativos, em situações próximas ao cotidiano deles.

4. Resultados da Pesquisa

Inicialmente, dez professores em exercício e quatro licenciandos foram convidados a participar da escrita no blog, pois cursaram ou trabalharam no curso de Braille (já mencionado) e, no caso dos licenciandos e de alguns professores, desenvolveram, adaptaram e aplicaram atividades que auxiliassem o ensino de deficientes visuais em escola especial ou classes inclusivas. No decorrer da pesquisa, uma professora pediu para não continuar, alegando falta de tempo, e outros três não responderam mais aos e-mails. Todos os licenciandos finalizaram a escrita do memorial.

Assim, tivemos ao todo dez memoriais sendo que seis são de pessoas licenciadas em matemática e quatro de licenciandos, dentre os quais dois estão em sala de aula. Após conversa, resolvemos incluir o memorial de formação da mestrandia na análise por acreditarmos que ele trará contribuições quando analisarmos a inclusão dentro da Universidade, que será feita posteriormente. Como ele começou a ser escrito antes dos

participantes e foi evoluindo conforme se constituía pesquisadora, entendemos que ele não foi influenciado pela a escrita dos demais participantes, nem a escrita deles foi influenciada pelo meu memorial, já que este foi postado no blog somente após o término da narrativa de todos os colaboradores.

Percebemos nas leituras de todos os memoriais que cada um traz uma característica da pessoa que o escreveu. Alguns falaram mais da família e quiseram colocar fotos para ilustrar alguns acontecimentos relatados, outros falaram só da parte profissional e acadêmica, foram mais reservados. Como os memoriais de formação foram escritos em um blog, alguns o encararam de modo informal e comumente conhecido por eles então nestes surgiu o que chamamos de *bloguês*⁷ que é uma estratégia de oralização da escrita, dá um tom “rotineiro” e “natural” cuja função é incorporar, na escrita, traços típicos da fala cotidiana a fim de garantir a dinamicidade e buscar, em alguns casos, expressar emoção ou afetividade na conversa/escrita teclada. Com isso, há um caráter dinâmico e instantâneo de interação.

Na perspectiva da formação de professores para a educação inclusiva, observamos um movimento gradativo, mas ainda lento, na tentativa de se adequar as leis vigentes. Ao analisar as grades curriculares da licenciatura matemática de 1971 até os dias atuais de uma determinada Instituição em que a maioria dos participantes estudou (ou estudam), vemos a criação de uma disciplina obrigatória: LIBRAS e duas disciplinas que em suas ementas há um tópico sobre educação especial, no mais há disciplinas optativas e cursos na Faculdade de Educação que versam sobre o tema.

No entanto, segundo a pesquisadora Márcia Denise Pletsch, de maneira geral, as licenciaturas não estão preparadas para desempenhar a função de formar professores, em nível superior, com uma orientação inclusiva de atuação profissional. Isso é preocupante e, de certa forma, torna precário o ensino, visto que a inclusão bem ou mal já está ocorrendo.

Algumas universidades já estão incluindo em suas grades curriculares disciplinas voltadas para uma perspectiva inclusiva com vistas a suprir a carência da formação do professor capacitado, como a universidade em que a maioria de nossos colaboradores estudaram (ou estudam). Contudo, o pesquisador José Geraldo Bueno diz que:

Se não fizer parte integrante de uma política efetiva de diminuição do fracasso escolar e de uma educação inclusiva com qualidade, a inserção de uma disciplina ou a preocupação com conteúdos sobre crianças com necessidades educativas

⁷ É uma estratégia de oralização da escrita, cuja função é incorporar, na escrita, traços típicos da fala cotidiana a fim de garantir a dinamicidade e buscar, em alguns casos, expressar emoção ou afetividade na conversa/escrita teclada.

especiais pode redundar em práticas extremamente contrárias aos princípios e fundamentos da educação inclusiva: a distinção abstrata entre crianças que possuam condições para se inserir no ensino regular e as que não possuem, e a manutenção de uma escola que, através de suas práticas tem ratificado os processos de exclusão e de marginalização de amplas parcelas da população escolar brasileira. (BUENO, 1999, p. 18).

Nos memoriais observamos, ainda, que revisitar a memória pode trazer sensações alegres, tristes, prazerosas e até certa nostalgia. Analisando o memorial de formação de cada participante, percebemos que é um gênero textual que pode favorecer a reflexão em relação às situações vividas que marcaram suas escolhas, os questionamentos ao longo de sua trajetória, as influências sofridas de âmbito pessoal, social, econômico, político, educacional, entre outras, que possam estar presentes na formação.

O memorial de formação pode propiciar uma maior apresentação do sujeito em função de características como:

“o uso da narrativa, o uso da primeira pessoa como marca de subjetividade, a valorização da trajetória pessoal e profissional, a reflexão sobre temáticas relacionadas às vivências do professor no cotidiano escolar, a emergência de diferentes vozes que vêm ao texto dialogar com o autor, seu caráter de ‘performatividade’ [...]. (PRADO, FERREIRA e FERNANDES, 2011, p.150)

Em vários momentos/trechos é possível observar os participantes da pesquisa em um movimento de reflexão sobre a formação, enfocando o processo de conhecimento e de aprendizagens, expressas pela metarreflexão do ato de narrar sobre si mesmo. (NAKAYAMA, FIORENTINI e BARBOSA, 2010).

5. Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ . **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras Escolhidas I. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96).** Brasília, DF: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n° 2/2011.** Brasília, DF: CNE/CEB, 2001a.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer n° 17/2001.** Brasília, DF: CNE/CEB, 2001b.

BUENO, José Geraldo Silveira. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.5, p. 7-25, 1999.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque; BRITO, Jader de Medeiros. Memórias e escritos de um educador. In: MIGNOT, Ana Cristina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. p.113-134.

FERNANDES, Carla Helena; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Diários de Viagem: Pelos Trilhos da Escrita, uma possibilidade de reflexão sobre a Escola. **Linha Mestra** (Associação de Leitura do Brasil), v. 17, p. 1-7, 2010. Disponível em: <<http://linhamestra2010.files.wordpress.com/2011/11/carlaeguilhermelinha3n-16janjul2010en-17agodez20101.pdf>>. Acesso em: 16 out. 12.

FERNANDES, Déa Nunes; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Temporalidades Distintas: um estudo sobre a formação de professores de matemática no Maranhão. In: Ana Cristina Ferreira; Arlete de Jesus Brito; Maria Angela Miorim. (Orgs). **Histórias de Formação de Professores que Ensinaram Matemática no Brasil**. 1 ed. Campinas: Ilion, 2012, v. 1, p. 175-189.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 35-60, abril 2013.

LARROSA, Jorge. Ensaio, diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um “poema de formação” de Andrés Sánchez Robayna. In: SOUZA, Eliseu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 183-202.

NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi; FIORENTINI, Dario; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. O potencial heurístico e autoformativo das biografias educativas para os formadores de professores de matemática. **Ci. Huma. e Soc. em Rev. Seropédica**, v. 32, n.2, p. 103-115, jul./dez., 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Eliseu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 203-218.

PLETSCH, Márcia Denise. **O ensino itinerante como suporte para educação inclusiva em escolas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro**. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2005.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação.... In:_____ (Orgs) **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p. 45-59.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena. Narrativa Pedagógica e Memoriais de Formação: Escrita dos Profissionais da Educação? **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 143-153, set./dez. 2011.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. Kd o portuguezis dk gnt??? O blog, a gramática e o professor. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.5, p.115 – 133, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/arquivos/204.pdf>>. Acesso em: 15 out. 12.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. Conversas tecladas por adolescentes e adultos: o discurso na hipermodernidade. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 93-107, set.-dez. 2009.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SOUZA, Eliseu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 25, n. 11, jan./abr. 2006. p. 22-39.